

# Riscos do conflito geopolítico por minerais<sup>1</sup>

Alan Beattie<sup>2</sup>

Não é comum que a complacência habitual faça de alguém um observador perspicaz dos acontecimentos mundiais, especialmente os envolvidos em conflitos geopolíticos. Mas, por décadas, dar de ombros foi a melhor resposta aos recorrentes alarmismos sobre a escassez de matérias-primas essenciais para a transição verde. As causas têm variado de ameaças da China de cortar as exportações de terras raras e outros minerais a disparadas nos preços globais de metais como níquel e lítio. Na prática, o funcionamento rotineiro das forças de mercado, mais algum apoio de esforços diplomáticos e jurídicos, fez com que esses episódios tivessem impacto apenas passageiro.

A versão mais recente, no entanto, é a mais preocupante até agora. No dia 4 de abril, a China impôs exigências de licenciamento às exportações de sete elementos de terras raras, aparentemente em retaliação às tarifas do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. O ônus da prova sobre uma escassez real continua recaindo sobre os pessimistas, mas se o conflito no comércio global de minerais se concretizar, os EUA seguem profundamente despreparados.

Os minerais escassos, por assim dizer, já deram alarmes falsos muitas vezes. As autoridades temem gargalos - a União Europeia, por exemplo, já está em sua quinta lista de matérias-primas críticas -, mas é muito difícil apontar qualquer setor industrial de uma grande economia que tenha sofrido danos graves por falta de insumos.

O tema ganhou destaque após a ameaça da China, em 2010, de cortar as vendas de elementos de terras raras para o Japão - embora não esteja claro se Pequim suspendeu de fato as exportações. Os preços no mercado à vista dos elementos "leves" de terras raras, mais amplamente comercializados, dispararam. Mas os controles foram enfraquecidos por contrabando - províncias chinesas ricas em minérios mostraram pouca disposição em aplicar as restrições -, além do aumento da oferta de países como a Austrália e uma decisão da Organização Mundial do Comércio (OMC) contra a China em 2014. Pequim redescobriu uma velha lição do mercado de commodities: o melhor remédio para preços altos são preços altos e que tentar manipular a oferta para obter vantagem política traz o risco de perda do domínio do mercado.

Da mesma forma, durante os surtos de pânico com o fornecimento de lítio e níquel no começo dos anos 2020, produtores como Chile e Indonésia foram cortejados (ou levados à OMC) por grandes consumidores como China, EUA e União Europeia. No fim das contas, o aumento da oferta levou ao colapso dos preços desses dois metais. A ameaça da China, em 2023 e 2024, de cortar os fornecimentos de gálio e germânio - minerais usados em semicondutores e eletrônicos - para os EUA e a Europa também perdeu força diante da concorrência de exportações do Vietnã e da perspectiva de que os próprios países consumidores desenvolvam novas fontes de suprimento.

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/riscos-do-conflito-geopolitico-por-minerais.ghtml>

Acessado em 23.05.2025

<sup>2</sup> Colunista do Financial Times.

O histórico sugere que o atual episódio terminará sem se transformar em uma catástrofe. Mas também está claro que a China desenvolveu armas mais afiadas e precisas, caso decida de fato travar um conflito envolvendo matérias-primas críticas

As restrições às exportações de terras raras anunciadas em 4 de abril são muito mais sérias. Em vez de matérias-primas a granel, elas envolvem produtos acabados, especialmente ímãs, feitos por apenas algumas empresas chinesas e rastreáveis ao longo da cadeia de abastecimento. Ao contrário de controles às exportações anteriores, as novas medidas são implementadas por meio de exigências de licenciamento para o usuário final de materiais de uso duplo, militar e civil, o que impede empresas estrangeiras de revendê-los. Se a China realmente mantiver e aplicar essas restrições às vendas para os EUA, isso poderá afetar a fabricação dos caças F-35, além de veículos elétricos.

Os materiais envolvidos são as chamadas terras raras médias e pesadas, que são mais difíceis de extrair e processar. Especialistas do setor afirmam que aumentar a oferta de outros lugares provavelmente levaria anos, assim como reestruturar veículos elétricos ou outras cadeias de abastecimento para usar outras tecnologias. Os preços de terras raras pesadas como o disprósio dispararam depois que os controles foram anunciados.

Ninguém sabe se a China quer realmente atingir os EUA. Como o “Financial Times” informou, as exigências de licenciamento ameaçam redes de produção do mundo todo, sugerindo que as autoridades chinesas exageraram. Algumas das primeiras licenças foram concedidas a fornecedores da montadora alemã Volkswagen (VW), que fabrica carros na China e se opôs à imposição de taxas antissubsídios pela União Europeia às exportações chinesas de veículos elétricos para a Europa.

“Provavelmente será mais fácil obter uma licença se você for um país, talvez da Europa, com laços políticos mais estreitos com a China ou empresas controladas pela China”, me disse David Merriman, diretor de pesquisa da Project Blue, uma consultoria especializada em materiais críticos. “Nos EUA, há um risco bastante elevado de interrupção da cadeia de abastecimento”.

O acordo provisório firmado com Trump em 12 de maio para reverter parte das tarifas, pode ter reduzido o incentivo imediato da China para cortar o fornecimento aos EUA. Mas os EUA continuam vulneráveis. O país fez apenas tentativas modestas de aumentar a produção e processamento internos de terras raras. Mantém estoques mínimos de minerais críticos. Trump arriscou desencadear uma guerra geoeconômica com a China sem qualquer esforço perceptível de se preparar ou avaliar os riscos envolvidos.

O histórico sugere que o atual episódio de restrição às exportações terminará sem se transformar em uma catástrofe, à medida que Pequim flexibilize o fornecimento. Mas também está claro que a China desenvolveu armas mais afiadas e precisas, caso decida de fato travar um conflito envolvendo matérias-primas críticas. A tese da complacência ainda pode ser defendida, mas ela perde força a cada dia. **(Tradução de Mário Zamarian)**